

## **Educação sentimental à brasileira: revolução e melancolia em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis**

*Marcos Lemos Ferreira dos Santos*<sup>1</sup>

### **Resumo**

Nesta comunicação, realizo uma discussão acerca das relações entre ficção e história, em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, considerando as delimitações realizadas por Geörgy Lukács para a forma do romance histórico, e a análise empreendida por Dolf Oehler para *A educação sentimental*, de Flaubert. Ambos os romances têm como pano de fundo contextos revolucionários: a proclamação da República, no Brasil, em 1889, e as jornadas de junho, na França, em 1848. Como pretendo demonstrar, tanto o escritor francês quanto o brasileiro trabalham de modo irônico a forma de romance histórico, operando negativamente com os elementos básicos de um modelo que tem Walter Scott como principal autoridade.

### **Palavras-chave**

Romance histórico, Machado de Assis, György Lukács, Gustave Flaubert

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP. E-mail: marcos.lemos@usp.br

Em *Machado de Assis: ficção e história*, John Gledson realiza uma leitura da obra machadiana em chave alegórica. Para o crítico inglês, por baixo da malha do enredo – seja ele ainda bastante romanesco, como o de *Casa velha*, ou quase incipiente, como o de *Esau e Jacó*, seria possível encontrar uma espécie de visão bastante autoral da história brasileira.

Como indicado na introdução de seu livro, Gledson deve muito de suas conclusões ao salto interpretativo dado por Roberto Schwarz, no final da década de 1970 (GLEDSON, 1986, p. 15). Este, por sua vez, alimentou-se das teorias desenvolvidas por Georg Lukács acerca do realismo em romances do século XIX, bastante devedor do pensamento marxista. Em particular, um dos objetos de interesse desse pensador húngaro foi justamente a forma do romance histórico produzido no início do século retrasado, e que teve como Walter Scott como autoridade literária. Desse modo, pode ser produtiva uma comparação entre as hipóteses de Lukács e Schwarz, com o intuito de verificar até que ponto podem ser interpretadas como *históricas* algumas obras de Machado de Assis.

Primeiramente, é importante destacar que o autor de *Introdução a uma estética marxista* considera o romance histórico como uma forma historicamente determinada, cuja primeira manifestação se deu em 1815, com o lançamento de *Waverley*, por Walter Scott, e que encontrou seu declínio após os catastróficos eventos de junho de 1848, quando os ideais fomentadores da Revolução Francesa – liberdade, fraternidade e igualdade – revelaram-se como ideologia burguesa (JAMESON, 1983, p. 2-3). Para Lukács, no nessa forma de narrativa, o contexto deixa de servir como mero plano de fundo para o desenvolvimento do enredo, para transformar-se em um processo de mudanças engendradas pela ação humana. Nesse sentido, a participação popular é fundamental: a *revolução* constitui o motor para as mudanças históricas.

Por isso, de acordo com Lukács, em termos formais, a importância dos diálogos nesse tipo de narrativa, além da caracterização dos personagens por meio de suas ações. É como se houvesse uma espécie de contaminação dramática em um gênero fundamentalmente épico, argumentação que já havia sido desenvolvida no ensaio

“Narrar ou descrever”, escrito por ele na mesma década que *O romance histórico*, os anos 1930, quando residia em Moscou.

Essa valorização da *ação*, como elemento-chave dos entrecos romanescos, explica também a crítica do autor aos excessos descritivos da escola naturalista, momento em que ele detecta um esfacelamento formal do romance histórico. Nas obras dos escritores naturalistas, o contexto voltaria ao desempenhar o papel decorativo, funcionando apenas de pretexto para a “projeção de estados psicológicos contemporâneos” (JAMESON, 1983, p. 20).

Nesse aspecto, é possível verificar uma convergência entre o ponto de vista lukacsiano e a crítica realizada por Machado de Assis à escola naturalista, em particular aos romances *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, de Eça de Queiróz. De acordo com o autor de *Dom casmurro*, o cientificismo excludente e preconceituoso, além do excesso de detalhes na caracterização da cena funcionavam como artifícios que ocultariam o elemento principal da ação. E outros pontos de contato também podem ser encontrados em “Instinto de nacionalidade”, ensaio no qual Machado discute sobre o problema do “espírito nacional” na literatura brasileira e no qual afirma a necessidade de os autores nacionais serem “homens de seu tempo e de seu país”, mesmo quando tratem de “assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1994, p. 443). Em relação a esse aspecto, destaca o trabalho de Masson, escritor escocês em cuja obra, nas palavras de Machado, é possível encontrar certo “*scotticismo interior*”.

Nesse sentido, o núcleo da discussão machadiana acerca da *forma* do romance considera as determinações espaciais e temporais, para a conformação das obras. Ora, nunca houve, no Brasil, uma revolução burguesa aos moldes ingleses e franceses, o que vai de encontro a uma das características fundamentais do gênero. Desse modo, produzir um romance histórico brasileiro à moda de Scott torna-se um contra-senso: primeiramente, as condições de tempo e espaço não atendem à forma; segundo, há uma dificuldade de conscientização histórica do momento presente, principalmente por conta da ausência de entendimentos dos fatos pretéritos. Assim, as relações de causa e efeito do desenvolvimento histórico encontram-se prejudicadas, o que pode ser constatado até

mesmo em relação ao material mais básico: José de Alencar, ao escrever *Guerra dos Mascates*, reclama da falta de documentação necessária para uma contextualização mais exata de seu romance.

Essas diferenças contextuais revelam-se como “problemas não resolvidos” para certos escritores, como é o caso de Alencar, que simplesmente a ignoram; no entanto, são chaves de ignição para autores mais perspicazes, que as utilizam como elementos de modificação formal do modelo, como Machado o fez. Ele percebeu que não seria sensato apenas plasmar os conteúdos locais às estruturas europeias e possivelmente, por essa razão, o escritor empreendeu em sua obra experimentações tanto no nível da forma romanesca quanto no tratamento dado aos eventos históricos. E é em *Esau e Jacó* que essas experiências, em termos de narrativas históricas, encontram o seu ápice. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ainda é possível vislumbrar entrecosmos romanescos: parte das tópicos comuns aos folhetins da época (o adultério, o interesse por uma pessoa de camada social distinta, o filho fora do casamento etc.) lá se encontram, embora tratadas ironicamente. O mesmo pode se afirmar de *Casa velha*, cujo enredo segue nitidamente os padrões editoriais do tempo. No penúltimo romance machadiano, no entanto, há uma nítida incipiência no que toca o enredo, e as transformações históricas parecem encontrar-se desvinculadas às ações dos personagens. A sensação de inércia histórica, nesse caso, reflete-se em um enredo no qual nada parece acontecer, de modo que *as coisas mudam, mas parecem não mudar*.

A ausência de uma percepção mais aguda do presente talvez esteja bem representada na própria incapacidade de decisão da personagem Flora: a impossibilidade de optar por um dos gêmeos acarreta seu próprio fim, e morrer é a opção que resta à personagem. Essa falta de consciência histórica também pode ser exemplificada no famoso episódio da troca das tabuletas da confeitaria, no qual um importante evento da história do país é rebaixado aos interesses mesquinhos de um comerciante, o qual, na dúvida entre “Confeitaria da República” e “Confeitaria do Império”, opta pelo caminho mais fácil, o de escolher o próprio nome: “Confeitaria do Custódio”. Os casos, o de Flora e o do confeitoiro, ilustram como, no decorrer da história do país, há uma espécie de supremacia da individualidade, em detrimento de

uma atuação ou de uma visão mais coletiva do processo. E outros exemplos pipocam na obra machadiana: o padre que desiste de escrever um romance histórico, para participar de intrigas familiares alheias (*Casa velha*); um ex-diplomata que afirma não haver “alegria pública que valha uma boa alegria particular” (*Memorial de Aires*, anotação do dia 14 de maio de 1888), entre outros casos.

Por conta dessa percepção aguda das realidades históricas e da inadequação da forma em relação a elas, é lícito dizer de Machado o que Dolf Oehler afirmou sobre Flaubert, em sua leitura de *A educação sentimental*: como um dos analistas mais lúcidos de sua época, o escritor francês estabeleceu, nesse romance uma interdependência entre a esfera erótica (a trama romanesca) e a histórico-política; ou seja, entre o caso amoroso de Frédéric e a senhora Arnoux, e a ligação entre Dussadier e a República (OEHLER, 2004, p. 15). E essa relação, como demonstrarei na comunicação, apresenta como resultado uma visão bastante pessimista e melancólica de Flaubert acerca das possibilidades de uma revolução popular após o desastre das jornadas de junho de 1848, na França.

### **Referências Bibliográficas**

ASSIS, M. "Eça de Queiróz". In: *Obras completas*, vol. 3. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. "Instinto de nacionalidade". In: *Obras completas*, vol. 3. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

GLEDSON, J. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JAMESON, F. "Introduction". In: LUKÁCS, G. *The historical novel*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1983.

LUKÁCS, G. *The historical novel*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1983.

OEHLER, D. "O fracasso de 1848". In: *Terrenos vulcânicos*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.